

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

SETEMBRO DE 1869

Nº 9

## Ligeira Resposta aos Detratores do Espiritismo

(*OBRA PÓSTUMAS*)

É imprescritível o direito de exame e de crítica e o Espiritismo não alimenta a pretensão de subtrair-se ao exame e à crítica, como não tem a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa. Ora, a crítica tem por demais provado que lhe ignora os mais elementares princípios, fazendo-o dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe o que ele desaprova, confundindo-o com as imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, enfim, apresentando, como regra de todos, as excentricidades de alguns indivíduos. Também por demais a malignidade há querido torná-lo responsável por atos repreensíveis ou ridículos, nos quais o seu nome foi envolvido casualmente, e disso se aproveita como arma contra ele.

Antes de imputar a uma doutrina a culpa de incitar a um ato condenável qualquer, a razão e a equidade exigem que se

examine se essa doutrina contém máximas que justifiquem semelhante ato.

Para conhecer-se a parte de responsabilidade que, em dada circunstância, caiba ao Espiritismo, há um meio muito simples: proceder de *boa-fé* a uma perquirição, não entre os adversários, mas na própria fonte, do que ele aprova e do que condena. Isso é tanto mais fácil, quanto ele não tem segredos; seus ensinamentos são patentes e quem quer que seja pode verificá-los.

Assim, se os livros da Doutrina Espírita condenam explícita e formalmente um ato justamente reprovável; se, ao contrário, só encerram instruções susceptíveis de orientar para o bem, segue-se que não foi neles que um indivíduo culpado de malefícios se inspirou, ainda mesmo que os possua.

O Espiritismo não é solidário com aqueles a quem apraza dizerem-se espíritas, do mesmo modo que a Medicina não o é com os que a exploram, nem a sã religião com os abusos e até crimes que se cometam em seu nome. Ele não reconhece como seus adeptos senão os que lhe praticam os ensinamentos, isto é, que trabalham por melhorar-se moralmente, esforçando-se por vencer os maus pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais brandos, mais humildes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em tudo, porque é essa a característica do verdadeiro espírita.

Essa breve nota não tem por objeto refutar todas as falsas alegações que se lançam contra o Espiritismo, nem lhe desenvolver e provar todos os princípios, nem, ainda menos, tentar converter a esses princípios os que professam opiniões contrárias; mas, apenas dizer, em poucas palavras, o que ele é e o que não é, o que admite e o que desaprova.

As crenças que propugna, as tendências que manifesta e o fim a que visa se resumem nas proposições seguintes:

1<sup>o</sup> – O *elemento espiritual* e o *elemento material* são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza, as quais se completam uma a outra e reagem incessantemente uma sobre a outra, indispensáveis ambas ao funcionamento do mecanismo do Universo.

Da ação recíproca desses dois princípios se originam fenômenos que cada um deles, isoladamente, não tem possibilidade de explicar.

À Ciência, propriamente dita, cabe a missão especial de estudar as leis da matéria.

O Espiritismo tem por objeto o estudo do *elemento espiritual* em suas relações com o elemento material e aponta na união desses dois princípios a razão de uma imensidade de fatos até então inexplicados.

O Espiritismo caminha ao lado da Ciência, no campo da matéria: admite todas as verdades que a Ciência comprova; mas, não se detém onde esta última pára: prossegue nas suas pesquisas pelo campo da espiritualidade.

2<sup>o</sup> – Sendo o elemento espiritual um estado ativo da Natureza, os fenômenos em que ele intervém estão submetidos a leis e são por isso mesmo tão naturais quanto os que derivam da matéria neutra.

Alguns de tais fenômenos foram reputados *sobrenaturais*, apenas por ignorância das leis que os regem. Em virtude desse princípio, o Espiritismo não admite o caráter de maravilhoso atribuído a certos fatos, embora lhes reconheça a realidade ou a possibilidade. Não há, para ele, *milagres*, no sentido de derrogação das leis naturais, donde se segue que os espíritas não fazem milagres e que é impróprio o qualificativo de taumaturgos que umas tantas pessoas lhes dão.

O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual prende-se de modo direto à questão do passado e do futuro do homem. Cinge-se a sua vida à existência atual? Ao entrar neste mundo, vem ele do nada e volta para o nada ao deixá-lo? Já viveu e ainda viverá? *Como viverá e em que condições?* Numa palavra: donde vem ele e para onde vai? Por que está na Terra e por que sofre aí? Tais as questões que cada um faz a si mesmo, porque são para toda gente de capital interesse e às quais ainda nenhuma doutrina deu solução racional. A que lhe dá o Espiritismo, baseada em fatos, por satisfazer às exigências da lógica e da mais rigorosa justiça, constitui uma das causas principais da rapidez de sua propagação.

O Espiritismo não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas sobre todos os pontos do globo e que convergiram para um centro que os coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção de nenhum, são deduzidos da experiência. Esta precedeu sempre a teoria.

Assim, desde o começo, o Espiritismo lançou raízes por toda parte. A História nenhum exemplo oferece de uma doutrina filosófica ou religiosa que, em dez anos, tenha conquistado tão grande número de adeptos. Entretanto, não empregou, para se fazer conhecido, nenhum dos meios vulgarmente em uso; propagou-se por si mesmo, pelas simpatias que inspirou.

Outro fato não menos constante é que, em nenhum país, a sua doutrina não surgiu das ínfimas camadas sociais; em todos os lugares ela se propagou de cima para baixo na escala da sociedade e ainda é nas classes esclarecidas que se acha quase exclusivamente espalhada, constituindo insignificante minoria, no seio de seus adeptos, as pessoas iletradas.

Verifica-se também que a disseminação do Espiritismo seguiu, desde os seus primórdios, marcha sempre ascendente, a despeito de tudo quanto fizeram seus adversários para entravá-la e para lhe desfigurarem o caráter, com o fito de desacreditá-lo na opinião pública. É mesmo de notar-se que tudo o que hão tentado com esse propósito lhe favoreceu a difusão; o arruído que provocaram por ocasião do seu advento fez que viessem a conhecê-lo muitas pessoas que antes nunca ouviram falar dele; quanto mais procuraram denegri-lo ou ridicularizá-lo, tanto mais despertaram a curiosidade geral e, como todo exame só lhe pode ser proveitoso, o resultado foi que seus opositores se constituíram, sem o quererem, ardorosos propagandistas seus. Se as diatribes nenhum prejuízo lhe acarretaram, é que os que o estudaram em suas legítimas fontes o reconheceram muito diverso do que o tinham figurado.

Nas lutas que precisou sustentar, os imparciais lhe testificaram a moderação; ele nunca usou de represálias com os seus adversários, nem respondeu com injúrias às injúrias.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre os seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote. Estes qualificativos são de pura invenção da crítica.

É-se espírita pelo só fato de simpatizar com os princípios da doutrina e por conformar com esses princípios o proceder. Trata-se de uma opinião como qualquer outra, que todos têm o direito de professar, como têm o de ser judeus, católicos, protestantes, simonistas, voltairiano, cartesiano, deísta e, até, materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para os seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade.

Da liberdade de consciência decorre o direito de *livre exame* em matéria de fé. O Espiritismo combate a fé cega, porque ela impõe ao homem que abdique da sua própria razão; considera sem raiz toda fé imposta, donde o inscrever entre suas máximas: *Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*

Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção. Expõe suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram.

Não cuida de afastar pessoa alguma das suas convicções religiosas; não se dirige aos que possuem uma fé e a quem essa fé basta; dirige-se aos que, insatisfeitos com o que se lhes dá, pedem alguma coisa melhor.

*Allan Kardec*

## Constituição da Sociedade Anônima

SEM FINS LUCRATIVOS E DE CAPITAL VARIÁVEL DA CAIXA GERAL  
E CENTRAL DO ESPIRITISMO

(2º artigo)

O artigo sobre a constituição da Sociedade anônima, publicado no último número da *Revista*, foi, da parte de grande

número dos nossos correspondentes, objeto de calorosas felicitações e de marcas inequívocas de satisfação geral, testemunhadas pelas numerosas e lisonjeiras cartas de adesão que recebemos de todas as partes, nos estimulando poderosamente e nos autorizando a prosseguir, conforme o vivo desejo da Sra. Allan Kardec, a execução do plano do mestre.

Na verdade o Sr. Allan Kardec nos legou uma tarefa muito pesada para as nossas débeis forças; mas, e reconhecemos com um sentimento de viva satisfação, nosso apelo despertou um eco simpático no coração de todos os homens verdadeiramente devotados ao triunfo de nossas idéias, e as promessas de concurso material e o assentimento moral de todos nos deixam profundamente convencidos de que os nossos esforços não serão improdutivos.

Trazendo cada um a sua espiga, pondo seus conhecimentos à disposição de todos e contribuindo para aumentar o germe fecundo destinado a dar a todos o pão da vida, sem dúvida chegaremos, com a ajuda dos Espíritos bons, a assegurar o desenvolvimento e a difusão universal dos nossos princípios.

No próximo número publicaremos uma nova lista das somas depositadas na caixa geral, desde 1<sup>o</sup> de agosto. Hoje nos limitaremos a anunciar que recebemos um certo número de pedidos de admissão como membro da Sociedade, pedidos cujo exame tivemos que adiar para a primeira assembléia-geral, conformemente ao artigo 23, § 3<sup>o</sup> dos estatutos<sup>36</sup>.

“Venho pedir-vos, diz um dos nossos correspondentes de Villevert (Oise), que me inscrevam por quatro ou cinco ações na

36 Os *Estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo* aparecerão na primeira quinzena de setembro. Brochura in-8; preço, 1 fr. Paris, Administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille.

Sociedade Anônima, tão logo julgarem oportuno aumentar o capital... Inútil acrescentar que aplaudo com todas as forças a idéia de uma Sociedade comercial, meio eficaz de propagar a Doutrina.”

O Sr. M\*\*\*, de Bordeaux, é mais taxativo ainda; diz ele: “Acabo de ver, com muito prazer, as disposições tomadas; são firmes, e podemos dizer que agora o Espiritismo tem um ponto de apoio independente de qualquer personalidade. Sua marcha para frente será mais rápida, porque os maiores problemas que encerra poderão ser estudados, e os resultados produzidos sem entraves.”

O presidente da Sociedade Espírita de Bordeaux, durante o exercício 1867-1868, que igualmente adere de maneira absoluta à nova organização, houve por bem colocar à disposição da Sociedade Anônima uma centena de exemplares de sua brochura: *Relatórios dos Trabalhos da Sociedade Espírita de Bordeaux*, cedendo à caixa geral o produto da venda.

As sociedades e os espíritas isolados de Liège, Bruxelas (Bélgica), Lyon, Toulouse, Avignon, Blois, Carcassonne, Rouen, Oloron-Sainte-Marie, Marselha, etc., etc., também houveram por bem assegurar sua adesão aos estatutos da Sociedade, bem como o seu concurso ativo para lhe garantir a vitalidade.

Num próximo artigo, exclusivamente consagrado a uma revista geral do movimento da imprensa e das sociedades espíritas francesas e estrangeiras, nós nos empenharemos em demonstrar a oportunidade do momento para a fundação de uma organização e de uma direção sérias.

Em alguns meses duas novas sociedades, dois jornais foram fundados na Espanha; a Sociedade de Florença criou um órgão de publicidade; um jornal em polonês apareceu em Léopold (Galícia austríaca) e ficamos sabendo, nestes últimos dias, que um jornal em língua portuguesa está prestes a ser editado na Bahia (Brasil). As antigas sociedades se desenvolvem; num único centro

da Bélgica, *quinze professores primários* aderem aos nossos ensinos; em Liège, em Lyon, etc., os diversos grupos da localidade exprimem o desejo de se reunirem sob uma direção única. Em toda parte a Doutrina, longe de enfraquecer e degenerar, desenvolve-se e conquista influência. Todos os espíritas compreenderam que o momento de afirmar-se chegou, e cada um se dedica com ardor para concorrer ao movimento regenerador.

Não nos foi feita nenhuma objeção sobre a transferência dos donativos à caixa geral, mas recebemos alguns pedidos de retificação quanto à maneira pela qual nossa lista foi organizada. Várias somas, inscritas em nome de uma Sociedade ou de um indivíduo, eram, na realidade, o produto da cotização de todos os membros de um grupo. Era nossa intenção simplificar tanto quanto possível os detalhes. Em nossa próxima lista faremos as observações que nos foram comunicadas.

Ao lado das adesões irrestritas que acabamos de mencionar, recebemos certo número permeadas de observações críticas, não quanto ao objetivo, mas sobre o modo e a forma da Sociedade. Para alguns, as expressões empregadas nos estatutos são demasiado comerciais. Para outros, o montante das partes parece um tanto elevado, e a porção dos benefícios atribuídos ao fundo de reserva muito considerável. Aos primeiros, lembramos as explicações que demos a respeito no último número da *Revista* e as reflexões que, sobre o mesmo assunto, publicava o Sr. Allan Kardec no número de dezembro último.

Estamos persuadidos de que todos os espíritas aplaudirão a formação da nova Sociedade, quando virem que os fundadores, inspirando-se nas idéias do mestre, tiveram em vista, sobretudo, assegurar o futuro do Espiritismo, colocando-o sob a égide da lei, aos seus olhos o único meio de paralisar em certos momentos as influências nocivas, substituindo, assim, o regime de tolerância pelo do direito, sujeito o primeiro quase sempre a variações, conforme os homens e as circunstâncias.

Quanto ao que concerne à quantidade fixada para as cotas-parte e ao pequeno número de fundadores, lembraremos que o que importava, antes de tudo, era estabelecer uma base, um centro de ação, onde todas as atividades, todos os devotamentos pudessem congregar-se. Hoje a Sociedade está constituída; seus estatutos, essencialmente modificáveis e progressivos, como tudo o que é de origem humana, poderão sofrer, no futuro, as transformações que parecerem úteis para cumprir o desejo geral e satisfazer às novas necessidades.

Todas as correspondências dirigidas à Sociedade Anônima, no que respeita aos pedidos de admissão como membros da Sociedade, bem como as sugestões para a modificação dos estatutos, serão conservadas num dossiê especial, a fim de serem submetidas às deliberações dos associados na primeira assembléia-geral anual, que, nos termos de ato da Sociedade, é a única que tem o poder de deliberar e estatuir sobre estas interessantes questões.

Não temos senão um objetivo, um desejo: assegurar a vitalidade do Espiritismo, satisfazendo às aspirações gerais. Se, como o esperamos, as medidas tomadas pela Sociedade Anônima nos permitirem obter esse resultado, nós nos julgaremos recompensados além dos nossos méritos, quando, para nós, houver soado a hora do repouso e outros mais dignos, se não mais devotados, forem chamados para nos substituírem.

## Precursores do Espiritismo

JOÃO HUSS

Lemos no *Siècle* de 11 de julho de 1869:

*Os quinhentos anos de João Huss*

“Recentemente os jornais da Boêmia publicaram o seguinte apelo:

“Neste ano se comemora o 500<sup>a</sup> aniversário de nascimento do grande reformador, do patriota e do sábio mestre João Huss. Esta data impõe, sobretudo ao povo boêmio, o dever de rememorar solenemente a época em que surgiu, em seu seio, o homem que tomara como objetivo de vida defender a liberdade de pensamento. Foi por esta idéia que ele viveu e sofreu; foi por esta idéia que ele morreu.

“Seu nascimento fez luzir a aurora da liberdade no horizonte do nosso país; suas obras espargiram a luz no mundo e, por sua morte na fogueira, a verdade recebeu o seu batismo de fogo!

“Estamos convictos de que temos não só as simpatias dos boêmios e dos eslavos, mas ainda a dos povos esclarecidos, e os convidamos a festejar a lembrança deste grande espírito, que teve a coragem de sustentar sua convicção diante de um mundo escravo dos preconceitos e que, ao eletrizar o povo boêmio, o tornou capaz de uma luta heróica que ficará gravada na História.

“Os séculos se escoaram; o progresso se realizou, as centelhas produziram chamas; a verdade penetrou milhões de corações. A luta continua, a nação pela qual o mártir imortal se sacrificou ainda não deixou o campo de batalha sobre o qual o havia chamado a palavra do mestre.

“Conjuramos todos os admiradores de João Huss a se reunirem em Praga, a fim de colherem, na lembrança dos sofrimentos do grande mártir, novas forças por meio de novos esforços.

“Será em Praga, no dia 4 de setembro próximo, e no dia 6, em Hussinecz, onde ele nasceu, que celebraremos a memória de João Huss.

“Nesses dias todos os patriotas virão atestar que a nação boêmia ainda honra o heróico campeão de seus direitos, e que jamais esquecerá o herói que a elevou à altura das idéias que são ainda o farol para o qual marcha a Humanidade!

“Nosso apelo também se dirige a todos os que, fora da Boêmia, amam a verdade e honram os que morreram por ela. Que venham a nós, e que todas as nações civilizadas se unam para, conosco, aclamarem o nome imperecível de João Huss!

“O presidente do comitê.”

*Dr. Sladkowsky*

“Seguem-se trinta assinaturas de membros do comitê, advogados, literatos, industriais.

“O apelo dos patriotas boêmios não poderia deixar de suscitar viva simpatia entre os amigos da liberdade.

“Um jornal de Praga tivera a desastrada idéia de propor uma petição ao futuro concílio para pedir a revisão do processo de João Huss. O jornal *Norodni Listy* refutou com vigor esta estranha proposição, dizendo que a revisão se efetuara perante o tribunal da civilização e da História, que julga os papas e os concílios.

“A nação boêmia, acrescenta o *Norodni*, perseguiu esta revisão com a espada na mão, em cem batalhas, no dia seguinte mesmo da morte de João Huss.”

“A folha Tcheca tem razão: João Huss não precisa ser reabilitado, assim como Joana d’Arc não precisa ser canonizada pelos sucessores dos bispos e doutores que os queimaram.

Por nosso lado, vimos juntar às homenagens prestadas à memória de João Huss o nosso testemunho de simpatia e de respeito pelos princípios de liberdade religiosa, de tolerância e de

solidariedade que ele popularizou em vida. Esse espírito eminente, esse inovador convicto, tem direito à primeira fila entre os precursores da nossa consoladora filosofia. Como tantos outros, tinha a sua missão providencial, que realizou até o martírio, e sua morte, como sua vida, foi um dos mais eloqüentes protestos contra a crença num Deus mesquinho e cruel, bem como aos ensinamentos rotineiros, que deviam ceder ante o despertar do espírito humano e o exame aprofundado das leis naturais.

Como todos os inovadores, João Huss foi incompreendido e perseguido; ele vinha corrigir abusos, modificar crenças que não mais podiam satisfazer às aspirações de sua época. Necessariamente devia ter como adversários todos os interessados em conservar a antiga ordem das coisas. Como *Wyclif*, como *Jacobel* e *Jerônimo de Praga*, sucumbiu sob os esforços de seus inimigos coligados; mas as verdades que havia ensinado, fecundadas pela perseguição, serviram de base às novidades filosóficas dos tempos ulteriores e provocaram a era de renovação que devia dar origem à liberdade de consciência e à liberdade de pensar em matéria de fé.

Não duvidamos que João Huss, como Espírito ou como encarnado, caso tenha voltado à nossa Terra como homem, haja se consagrado constantemente ao desenvolvimento e à propagação de suas crenças sobre o futuro filosófico da Humanidade.

Estamos autorizados a pensar que o apelo do povo boêmio será ouvido por todos os que apreciam e veneram os defensores da verdade. Os grandes filósofos não têm pátria. Se, pelo nascimento, pertencem a uma nacionalidade particular, por suas obras são os luminares da Humanidade inteira que, sob o seu impulso, marcha para a conquista do futuro.

Persuadidos de satisfazer ao desejo da maioria dos nossos leitores, cumprimos o dever de dar a conhecer, por uma

breve nota, o que foi em toda a sua vida o homem eminente cujo 500º aniversário a Boêmia celebrará no próximo dia 4 de setembro:

*João Huss* nasceu a 6 de julho de 1373 sob o reinado do imperador *Carlos IV* e sob o pontificado de *Gregório XI*, cerca de cinco anos antes do grande cisma do Ocidente, que se pode encarar como uma das sementes do *hussitismo*. A História nada nos ensina do pai e da mãe de *João Huss*, senão que eram criaturas probas, mas de origem obscura. Segundo o costume da Idade Média, *João Huss*, ou melhor, *João de Huss*, foi assim chamado porque nasceu em *Huissinecz*, pequeno burgo situado ao sul da Boêmia, no distrito de *Prachen*, nas fronteiras da Baviera.

Seus pais tiveram o maior cuidado com sua educação. Tendo perdido o pai na infância, sua mãe lhe ensinou os primeiros elementos de gramática em *Huissinecz*, onde havia uma escola. Depois o levou a *Prachen*, cidade do mesmo distrito, onde havia um colégio ilustre. Logo fez grandes progressos nas letras e atraiu a amizade dos mestres por sua modéstia e docilidade, conforme testemunho que a Universidade de Praga lhe prestou após sua morte. Quando estava bastante adiantado para ir a Praga, sua própria mãe o conduziu. Contam que esta pobre mulher, cheia de zelo pela educação do filho, levava consigo um ganso e um bolo, para presentear-los ao seu regente.<sup>37</sup> Mas, infelizmente, o ganso fugiu no caminho, de sorte que, para seu grande pesar, ela não tinha senão o bolo para dar de presente ao mestre. Magoada profundamente por este pequeno incidente, orou várias vezes, pedindo a Deus que se dignasse ser o pai e o preceptor de seu filho.

Quando ele adquiriu em Praga sólidos conhecimentos em literatura, os professores, nele notando muita inteligência e vivacidade de espírito, bem como uma grande atividade pela Ciência, julgaram por bem matriculá-lo no capítulo da

37 É notável que Huss, em boêmio, significa ganso. Parece que a pátria de João Huss foi assim chamada porque aí os pássaros são abundantes.

Universidade que tinha sido fundada em 1247 pelo imperador *Carlos VI*, rei da Boêmia, e confirmada pelo papa *Clemente VI*.

Afastado das diversões da juventude, *João Huss* empregava suas horas vagas para boas leituras. Lia com prazer sobretudo as dos antigos mártires. Conta-se que um dia, lendo a lenda de *São Lourenço*, quis experimentar se teria a mesma coragem desse mártir, pondo o dedo no fogo; mas acrescentam que logo o retirou, muito descontente com a sua fraqueza, ou que um de seus camaradas a isto se opôs.

Seja como for, ao que parece ele não fazia mal em se preparar para o fogo. Aliás, quando quis fazer este ensaio, já estava bastante avançado em idade para que o edito de 1276, pelo qual *Carlos VI* condenava os heréticos ao fogo, de algum modo lhe desse o pressentimento do que devia acontecer com ele.

Um grande obstáculo se opunha ao ardor que tinha *João Huss* de se instruir: a pobreza. Neste apuro, aceitou a oferta que lhe fez um professor, cujo nome é ignorado, de tomá-lo ao seu serviço e de lhe fornecer os livros e tudo o que era necessário para prosseguir seus estudos. Embora essa situação fosse bastante humilhante, ele a achava feliz tendo em vista o seu objetivo, e a aproveitou tão bem que satisfez, ao mesmo tempo, seu mestre, cuja amizade ganhou, e sua paixão pelas letras.

*João Huss* fez progressos consideráveis na Universidade; por seus livros, parece que era versado na leitura dos Pais gregos e latinos, pois que os cita muitas vezes. Pode-se julgar por seus comentários que sabia grego e tinha noções de hebreu. Com cerca de vinte anos, conquistou o título de *bacharel* e, dois anos depois, o de *mestre em artes*. Não se sabe quem foram seus mestres, salvo o que ele próprio diz de *Stanislas Znoima*, que, mais tarde, se tornou um de seus maiores adversários. Ordenou-se sacerdote em 1400 e, no mesmo ano, foi nomeado pregador da

capela de Belém. Foi aí que teve oportunidade de exercitar os seus talentos, querido por uns, suspeito e odiado por outros, admirado por todos. Na mesma época foi nomeado confessor de *Sofia da Baviera*, rainha da Boêmia.

Foi no período de 1403 a 1408 que *João Huss*, juntamente com *Jerônimo de Praga*, estudou as obras de Wyclif e de Jacobel e começou a se separar do ensino ortodoxo. Desde o começo, um certo número de discípulos que sempre lhe foram fiéis, mantiveram-se ligados a ele.

No dia 22 de outubro de 1409 foi nomeado reitor da Universidade de Praga, desobrigando-se desse novo encargo com os aplausos de todo o mundo. Até então, não havia aprovado as doutrinas de Wyclif senão em termos vagos e com cautela. Nessa época começou a falar mais abertamente de suas crenças pessoais.

Entre suas obras anteriores ao concílio de Constança, nota-se o *Tratado da Igreja*, de onde foram tirados todos os argumentos para sua condenação. Durante o seu cativeiro, consagrou-se especial e inteiramente à execução de suas últimas obras filosóficas. Foi assim que fez os manuscritos do *Tratado do casamento, do Decálogo, do amor e do conhecimento de Deus, da Penitência, dos três inimigos do homem, da ceia do Senhor*, etc.

Todos os historiadores contemporâneos, mesmo entre os seus adversários, rendem homenagem à pureza de sua vida: “Era, dizem, um filósofo, de grande reputação pela regularidade de seus costumes, sua vida rude, austera e inteiramente irrepreensível, sua doçura e sua afabilidade para com todos; era mais sutil que eloqüente, mas sua modéstia e seu grande espírito conciliador persuadiam mais que a maior eloqüência.”

Não nos permitindo a falta de espaço que nos estendamos tanto quanto desejaríamos, limitar-nos-emos a algumas citações características. Longe de temer a morte, por vezes parecia

aguardá-la com impaciência, como o termo de seus trabalhos e o início da recompensa. Tinha o hábito de dizer: “Ninguém é recompensado na outra vida mais do que mereceu nesta, e que os modos e locais de recompensa variavam segundo os méritos.” Aos que queriam convencê-lo a se retratar e abjurar, varias vezes deu esta resposta digna de nota: “Abjurar é deixar um erro que se cometeu; *se alguém me ensinar algo melhor do que avancei, estou pronto a fazer de bom grado o que exigis de mim.*”

Terminamos pelo testemunho da Universidade de Praga, dado em seu favor após a sua morte:

“Dizem que ele tinha, neste terreno, um espírito superior, uma penetração viva e profunda; ninguém era mais apto para escrever de um jacto, nem dar respostas mais contundentes às objeções. Ninguém tinha um zelo mais veemente, nem melhor discernimento; jamais o pilharam em erro, a não ser na opinião dos maus, que o atacaram ferozmente por causa de seu amor pela justiça. Ó homem de virtude inestimável, de brilhante santidade, de humilde e piedade inimitáveis, de desinteresse e de caridade inacreditáveis! Desprezava as riquezas no último grau, abria o coração aos pobres; muitas vezes era visto de joelhos, ao pé do leito dos doentes; vencia as naturezas mais indomáveis pela doçura e levava os impenitentes a se desfazerem em lágrimas; tirava das Santas Escrituras, sepultada no esquecimento, motivos novos e poderosos, a fim de exortar os eclesiásticos viciosos a voltarem atrás em seus desregramentos e a cumprirem os compromissos de seu *caráter*, e para reformar os costumes de todas as ordens com base na Igreja primitiva.

“Os opróbrios, as calúnias, a fome, a infâmia, mil torturas cruéis e, enfim, a morte que padeceu, não só com paciência, mas mesmo com um semblante tranqüilo e risonho, tudo isto é o testemunho autêntico de uma virtude a toda prova, de uma coragem, de uma fé e de uma piedade inabaláveis. Julgamos por

bem expor todas estas coisas aos olhos da cristandade, a fim de impedir que os fiéis, enganados pelas falsas imputações, maculem o conceito deste homem justo, nem dos que seguem sua doutrina.”

Evocado por um de nossos médiuns, o Espírito de João Huss deu a seguinte comunicação, que nos apressamos em mostrar aos nossos leitores, bem como uma instrução do Sr. Allan Kardec sobre o mesmo assunto, porque nos parecem bem caracterizar a natureza do homem eminente, que se ocupou com tanto ardor, desde o século quinze, a preparar os elementos da emancipação e da regeneração filosóficos da Humanidade.

(Paris, 14 de agosto de 1869)

A opinião dos homens pode dispersar-se momentaneamente, mas a justiça de Deus, eterna e imutável, sabe recompensar, quando a justiça humana castiga, perdida pela iniquidade e pelo interesse pessoal. Apenas cinco séculos (um segundo na eternidade) se passaram desde o nascimento do obscuro e modesto trabalhador e já a glória humana, à qual ele não se prende mais, substituiu a sentença infamante e a morte ignominiosa, incapazes de abalar a firmeza de suas convicções.

Como és grande, meu Deus, e como é infinita a tua sabedoria! Sob o teu sopro poderoso minha morte tornou-se um instrumento de progresso. A mão que me feriu alcançou, com o mesmo golpe, os terríveis erros seculares de que se encharcou o espírito humano. Minha voz encontrou eco nos corações indignados pela injustiça de meus algozes, e meu sangue, derramado como um orvalho benfazejo sobre um solo generoso, fecundou e desenvolveu nos espíritos adiantados de meu tempo os princípios da eterna verdade. Eles compreenderam, refletiram, analisaram, trabalharam e, sobre bases informes, rudimentares das primeiras crenças liberais, edificaram, na sucessão das eras, doutrinas filosóficas verdadeiramente generosas, profundamente religiosas e eternamente progressivas.

Graças a eles, graças aos seus trabalhos perseverantes, o mundo sabe que João Huss viveu, sofreu e morreu por suas crenças; é muito, meu Deus, para os meus frágeis esforços, e meu espírito reabilitado tem dificuldade em resistir aos sentimentos de reconhecimento e de amor que o arrebatam. Reconhecer que se enganaram ao me condenar, era justiça; as homenagens e os testemunhos de simpatia com que me glorificam são excessivos para os meus fracos méritos.

O Espírito humano tem caminhado desde que o fogo consumiu meu corpo. Uma chama não mais destrutiva, mas regeneradora, abarca a Humanidade; seu contato purifica, seu calor faz crescer e vivifica. Nesse foco benfazejo vêm reanimar-se todos os feridos pela dor, todos os torturados pela provação da dúvida e da incredulidade. O sofredor se afasta consolado e forte; o indeciso, o incrédulo e o desesperado, cheios de ardor, de firmeza e de convicção, vêm engrossar o exército ativo e fecundo das falanges emancipadoras do futuro.

Aos que me pediam uma retratação, respondi que só renunciaria às minhas crenças diante de uma doutrina mais completa, mais satisfatória, mais verdadeira. Pois bem! desde esse tempo meu Espírito se engrandeceu; encontrei algo melhor do que havia conquistado e, fiel aos meus princípios, repeli sucessivamente o que minhas antigas convicções tinham de errôneo, para acolher as verdades novas, mais largas, mais consentâneas com a idéia que eu fazia da natureza e dos atributos de Deus. Espírito, progredi no espaço; voltando à Terra, progredi também. Hoje, voltando novamente à pátria das almas, estou na fila da frente ao lado de todos os que, sob este ou aquele nome, marcham sincera e ativamente para a verdade e se dedicam, de coração e de espírito, ao desenvolvimento progressivo do espírito humano.

Obrigado a todos os que reverenciam em minha personalidade terrestre a memória de um defensor da verdade;

obrigado, sobretudo, aos que sabem que, acima do homem há o Espírito, libertado pela morte dos entraves materiais, a inteligência livre que trabalha em acordo com as inteligências exiladas, a alma que gravita incessantemente para o centro de atração de todas as criações: o infinito, Deus!

*João Huss*

(Paris, 17 de agosto de 1869)

Analisando através das eras a história da Humanidade, o filósofo e o pensador logo reconhecem, na origem e no desenvolvimento das civilizações, uma gradação insensível e contínua. – De um conjunto homogêneo e bárbaro surge, em primeiro lugar, uma inteligência isolada, desconhecida e perseguida, mas que, não obstante, faz época e serve de baliza, de ponto de referência para o futuro. – A tribo, ou se quiserdes, a nação, o Universo avançam em idade e as balizas se multiplicam, semeando aqui e ali os princípios de verdade e de justiça que serão a partilha das gerações que chegam. Essas balizas esparsas são os precursores; eles semeiam uma idéia, desenvolvem-na durante sua vida terrena, vigiam-na e a protegem no estado de Espírito, e voltam periodicamente através dos séculos para trazerem seu concurso e sua atividade ao seu desenvolvimento.

Tal foi João Huss e tantos outros precursores da filosofia espírita.

Semearam, laboraram e fizeram a primeira colheita; depois voltaram para semear ainda, esperando que o futuro e a intervenção providencial viessem fecundar sua obra.

Feliz aquele que, do alto do espaço, pode contemplar as diversas etapas percorridas e os trabalhos realizados por amor à verdade e à justiça; o passado não lhe dá senão satisfação, e se suas tentativas foram incompletas e improdutivas no presente, se a

perseguição e a ingratidão por vezes ainda vêm perturbar a sua tranqüilidade, ele presente as alegrias que lhe reserva o futuro.

Glória na Terra e nos espaços a todos os que consagraram a existência inteira ao desenvolvimento do espírito humano. Os séculos futuros os veneram e os mundos superiores lhes reservam a recompensa devida aos benfeitores da Humanidade.

João Huss encontrou no Espiritismo uma crença mais completa, mais satisfatória que suas doutrinas e o aceitou sem restrição. – Como ele, eu disse aos meus adversários e contraditores: “Fazei algo de melhor e me reunirei a vós.”

O progresso é a eterna lei dos mundos, mas jamais seremos ultrapassados por ele, porque, do mesmo modo que João Huss, sempre aceitaremos como nossos os princípios novos, lógicos e verdadeiros que cabe ao futuro nos revelar.

*Allan Kardec*

## O Espiritismo em Toda Parte

**Pluralidade das existências, pluralidade dos mundos habitados e comunicação com os Espíritos, ensinadas pelos reverendos padres Gratry e Hyacinthe**

Lemos no *Gaulois* de 22 de julho de 1869:

“Não há grande distância entre as idéias que, sob uma espécie de *iluminismo* piedoso, se desprendem de certas passagens das *Cartas sobre a Religião*, do padre Gratry, e as crenças enunciadas pelos espíritas contemporâneos.”

“Não posso pensar nos habitantes dos outros mundos, diz o padre Gratry, sem que logo a minha razão e a minha fé

retomem todo o seu vigor, todo o seu impulso... Muitas vezes me tenho perguntado se a fé indomável, que por vezes se apodera de nossos corações com uma força capaz de erguer o mundo, com uma força que leva a crer no triunfo absoluto do amor, da justiça, da beleza, da luz e da felicidade, não seria a inspiração vinda dos seres e dos mundos onde o triunfo já começou... Isto mesmo é a lei: *Sperandarum substantia rerum, argumentum non apparentium.*”

O *Gaulois* tem razão; eis aí o belo e o bom Espiritismo, pois não se pode expor com menos palavras e de maneira mais característica os ensinamentos fundamentais de nossa filosofia. A lei do progresso, conseqüência necessária da pluralidade das existências, a pluralidade dos mundos habitados, a comunicação pela inspiração entre os habitantes da Terra e os Espíritos mais avançados, tais são os princípios que o padre Gratry não teme apoiar com sua pena autorizada; aliás, não é o primeiro exemplo de sua simpatia pelas nossas crenças.

Sentimo-nos felizes por nos encontrar num terreno comum com homens que, como o padre Gratry, se consagraram ao estudo das ciências psicológicas, sem se deixarem dominar por visões estreitas e mesquinhas. Compreenderam, e nós os felicitamos vivamente, que o mais poderoso meio de reconduzir os espíritos desgarrados a uma sã aplicação das leis eternas era fazer que tocassem a verdade com o dedo e com o olho; era substituir o Deus vingativo e apaixonado, as concepções errôneas da Idade Média sobre os seus atributos e suas relações com a Humanidade pelos ensinamentos de uma filosofia mais vasta, mais liberal, mais tolerante e em harmonia com a influência emancipadora que dirige todas as grandes inteligências de nossa época.

Tais são os sentimentos do padre P. Hyacinthe, que pensa, e com razão, que a filosofia deve marchar com os progressos do espírito humano, conforme testemunham os extratos seguintes do sermão por ele pronunciado em 11 de março de 1869 na igreja

da Madalena, em atenção ao terremoto ocorrido na América do Sul:

“Castigo, pecado, justiça! Mas, que fazer com essas palavras em face de uma dor que eles insultam, mas não explicam? Convém a um padre agarrar-se a esta superstição dos velhos tempos, julgada inapelável pela razão do sábio e pela consciência dos homens de bem? – Não, exclama a ciência moderna, o mundo não é juguete de vontades caprichosas! Ao contrário, tudo aí traz a marca majestosa da universalidade e da imutabilidade das leis. Assim, não é a Deus, mas à Natureza que convém pedir contas dessas perturbações físicas, que outrora eram chamadas de *flagelos divinos*. *Saibamos penetrar-lhes as causas; um dia, talvez, saberemos governar seus efeitos!*

“A Ciência tem razão, meus irmãos: o mundo não pertence ao milagre, mas à lei. Deixemos somente a lei à altura de si mesma. Não a confundamos, como fez Epicuro, com as combinações de um acaso feliz, nem, como Zenon, com as exigências de um cego necessitado. Que ela seja o que é: o pensamento soberano que criou a ordem porque a concebeu; que se respeite a si mesma, respeitando sua obra, e que não estabeleça por limite ao seu infinito poder senão a sua infinita sabedoria e sua infinita bondade! *Então, em todos os mundos, nos dos espaços como nos dos Espíritos*, a fórmula por excelência do reino de Deus será o império das leis!...

“Dizem que após a horrível catástrofe que acaba de atingir aquelas regiões, no cemitério de uma das cidades arrasadas, viram-se múmias indígenas arrancadas de seus túmulos pelos abalos do solo e pela invasão das ondas: pareciam erguer-se em fúnebre satisfação para assistirem à vingança tardia, mas fiel, dos filhos de seus opressores...

“...Para pagar tal resgate, teriam o Equador e o Peru uma parte mais larga na falta de Adão? Haviam acrescido esta

dívida coletiva por prevaricações mais numerosas, por iniquidades mais gritantes? E, em cada uma das vinte mil vítimas desses países em luto, em vez de um infeliz atingido por um acidente, devo mostrar-vos um culpado escolhido por vingança?

“Deus me livre deste excesso de fanatismo e de crueldade! *Pensais*, dizia o Divino Mestre, *que aqueles dezoito homens, sobre os quais caiu a torre de Siloé, fossem mais culpados do que o resto dos habitantes de Jerusalém?*

“...E vós, seja qual for a posição e a fé a que pertenceis, todos vós que viestes a esta festa da caridade, meus amigos e meus irmãos, esquecei o que nos desune. Socorrendo este grande infortúnio, trabalhemos em comum para acelerar o advento do Senhor, etc...”

## Necrológio

SR. BERBRUGGER, CONSERVADOR DA BIBLIOTECA DE ARGEL

(2º artigo)

No último número da *Revista* nós nos comprometemos em anunciar aos nossos leitores a partida para um mundo melhor do Sr. A. Berbrugger, o erudito conservador da Biblioteca de Argel, e estávamos felizes por honrar em sua pessoa a memória de um espírita esclarecido e profundamente convicto da verdade de nossos princípios. Chegaram até nós mais amplos detalhes sobre os trabalhos que ilustraram sua vida; estamos convictos de que todos os adeptos haverão de acolher favoravelmente os seguintes extratos do discurso pronunciado junto ao seu túmulo pelo Sr. Cherbonneau, novo presidente da *Sociedade Histórica e Arqueológica da Argélia*. (Vide o nº 76 da *Revista Africana*, de julho de 1869, página 321 e seguintes.):

“Quando se extingue uma personalidade desta têmpera, considera-se como um dever recolher seus últimos pensamentos: *tanto é verdade que a porta do tûmulo é a pedra de toque das almas*. Como sabeis, em certas palavras há revelações. Ontem, sentado perto do leito de Berbrugger, eu o escutava respeitosamente. De repente, seus olhos, onde brilhavam os últimos lampejos desta bela inteligência, fixaram-se em mim e ele me disse, com uma inflexão que jamais esquecerei: ‘Eis aonde leva o excesso de trabalho!... Não façais como eu!’ Foram estas as últimas palavras que pronunciou. A morte, contra a qual lutava como homem, enlaçou-o novamente para não mais o deixar...

“...Senhores, o sábio cuja perda será vivamente sentida em toda a Argélia, nasceu em Paris no dia 11 de maio de 1801. Sólidos estudos, feitos no Colégio Carlos Magno, o prepararam para seguir os cursos da Escola de Chartres. Sua estréia na *paleografia* já lhe atribuía um lugar na Ciência. Em 1832 ele foi encarregado, pelo governo inglês, de recolher as peças originais relativas à ocupação da França no século quinze. Pela metade do ano de 1834, como que advertido por um desses pressentimentos a que nenhum espírito resiste, abandonou a teoria pela prática e veio para a África na comitiva do marechal Clauzet, de quem foi secretário particular. Acompanhou-o em suas excursões e acompanhou o marechal Vallée em Constantina. Dessas expedições militares ele trouxe um grande número de manuscritos árabes, que formaram o núcleo da Biblioteca de Argel. Novos horizontes foram abertos diante da sagacidade de Berbrugger.

“Admirando o país que nossos exércitos acabavam de conquistar, tentou continuamente fazê-lo conhecido, sem dúvida na esperança de que a sua conquista estaria mais bem assegurada. Foi então que, ora sob a tenda, ao lado dos soldados que pensavam suas feridas, ora na calma da cidade, ele compôs esta obra importante, que foi publicada sob o título de *Argélia histórica, pitoresca e monumental*.

“Não contente de trabalhar, gostava de espalhar em torno de si o fogo sagrado que o animava. Dotado de fácil elocução, exercida mais de uma vez na França, em conferências públicas, possuía em alto grau o talento de semear idéias e fazê-las aceitadas. Tão logo percebeu que os primeiros colonos que se apossaram do solo, com uma autoridade tão patriótica quanto vigorosa, começavam a exumar com a enxada os resquícios da dominação romana, cercou-se de pesquisadores e de estudiosos. Estava fundada a Sociedade Histórica Argelina. Doze volumes cheios de documentos preciosos, de cartas e de desenhos, constituíam o *Compêndio* arqueológico que, em grande parte, devemos ao presidente desta Sociedade; porque não há uma memória ou uma nota que não tragam a marca impressa dessa crítica esclarecida, cujas decisões todos os autores respeitavam.

“Além disso, entre os escritos de Berbrugger contam-se um *Curso de língua espanhola*, um *Dicionário espanhol-francês*, a *Relação da expedição*; de Mascara, as *Épocas militares da grande Kabylie*, uma *Nota sobre os poços artesianos do Saara*, a *História do mártir Jerônimo* e a *Nota sobre o túmulo da cristã*, este problema histórico, cujos cálculos pacientes desvendaram o enigma depois de vinte séculos; enfim, inúmeras memórias inseridas nos jornais da Argélia e da França.

“Feliz do nosso presidente se os trabalhos do espírito haviam bastado ao seu desejo de ser útil! Mas ele teria considerado sua tarefa como incompleta, se não tivesse levado o fruto de sua experiência aos conselhos onde eram tratados os interesses do país. Com efeito, aí encontrava mais liberdade para fazer o bem e, por conseguinte, mais deveres a cumprir. É que nele a experiência não resultava do interesse pessoal, nem do espírito de partido, desde que o progresso da colônia era o seu único objetivo. Ah! um devotamento convicto o levou a outros sacrifícios, fazendo-o aceitar, a título de arqueólogo emérito, o comando da milícia de Argel, sem o qual lhe parecia difícil manter entre os seus concidadãos o espírito de confraternidade benevolente de que ele

mesmo estava inteiramente penetrado. Quantos tormentos nesta posição! Mas, também, quantos serviços prestados com essa simplicidade que dobrava o seu preço!

“Não será em algumas linhas, e sobretudo em meio à emoção causada por uma perda tão dolorosa, que o seu companheiro de estudos será capaz de retrazar a existência tão útil e tão bem caracterizada de Adrien Berbrugger. Aliás, certos homens tiveram a boa sorte de se fazerem conhecidos em vida, tanto por suas qualidades quanto por seus escritos.

“Em lugar de fortuna, as honras não faltaram ao sábio conservador da biblioteca. Durante a viagem de Sua Majestade o Imperador, no mês de junho de 1865, ele recebeu a cruz da Legião de Honra, no grau de comendador, em recompensa por seus trabalhos literários. Precedentemente, tinha sido nomeado membro correspondente do Instituto de França.

“Adeus, Berbrugger! Na beira deste túmulo onde ireis dormir o sono eterno, ao menos temos um consolo: deixastes à vossa filha querida um nome imaculado e justamente honrado. Os habitantes de Argel guardarão carinhosamente o culto da vossa memória e, quando a Sociedade Histórica Argelina reunir-se para resolver um problema dos anais da África, *ela se inspirará* em vossa erudição.”

*A. Cherbonneau* – Presidente

Numa das últimas sessões da Sociedade de Paris, houvemos por bem dar um último testemunho de simpatia à memória do Sr. A. Berbrugger, solicitando a sua evocação. Apressamo-nos em submeter à apreciação de nossos leitores a comunicação que dele recebemos e que nos parece bem caracterizar o trabalhador infatigável e consciencioso tão eloqüentemente descrito pelo Sr. Cherbonneau. A elevação de sua inteligência e sua grande erudição nos levam a esperar que ele se

digne, de vez em quando, a participar de nossos trabalhos e enriquecer os nossos arquivos de comunicações e de documentos úteis e interessantes.

(Sociedade de Paris, 30 de julho de 1869)

“Estou contente, senhores, com a vossa simpática acolhida. Embora eu não fizesse parte abertamente da falange espírita, nem por isso estava menos firme e intimamente convencido da verdade de vossos princípios. Lamento ter contribuído para aumentar o número dos tímidos, que o temor da opinião ou a dependência de sua situação obrigam a guardar silêncio sobre as suas secretas aspirações! Mas, devo dizer em minha defesa, toda vez que encontrei ocasião, compulsei e dirigi ao centro os documentos que interessavam à nossa filosofia e, na intimidade, tentei, algumas vezes com êxito, comunicar minhas crenças e partilhá-las. Hoje estou acima da opinião e minha família se ampliou. Se os laços de sangue sempre me ligarão aos meus parentes da Terra, os laços eternos das almas, os princípios de caridade, de tolerância e de união da filosofia espírita me unem a todos os seus membros que concorrem para lhe assegurar o futuro, por suas obras como encarnados e por suas inspirações como Espíritos.

“Em toda parte a Humanidade se despoja de suas antigas vestimentas filosóficas e substitui os velhos hábitos da rotina e dos preconceitos por uma crença racional e baseada na lógica e na experimentação. Sei por experiência: guiado pelos conhecimentos adquiridos, o homem, verdadeira esfinge, decifra os problemas reputados insolúveis. Se, nós outros arqueólogos, nos reedificamos com algumas frases esparsas, algumas palavras truncadas, algumas cartas incompletas, as inscrições meio apagadas do grande livro histórico da Humanidade, o filósofo e o pensador liberam, de seu cortejo de erros e de mentiras, as verdades que presidiram à fundação de todas as crenças humanas, encontrando,

em toda parte, o Deus único, adorado e honrado em suas múltiplas obras e nas leis maravilhosas que os sábios modernos se gabaram de descobrir. Mas, nada descobrimos, nada inventamos!... Não somos inventores, somos pesquisadores... perdemos o caminho e o encontramos algumas vezes!...

“Coragem, senhores, sou dos vossos pelo coração e estarei ainda convosco pelo Espírito e por um concurso mais ativo e mais pessoal que pelo passado. Servi-vos de mim; ficarei feliz se me tornar útil e concorrer para os vossos trabalhos na medida de meus conhecimentos.”

*A. Berbrugger*

**SR. GRÉGOIRE GIRARD – SR. DEGAND – SRA. VAUCHEZ**

O Espiritismo acaba de perder um de seus mais fervorosos adeptos na pessoa do Sr. Grégoire Girard, morto em Sétif (Argélia), nos primeiros dias de julho último.

O Sr. Girard era um dos fundadores de Sétif e um dos nossos mais antigos assinantes. Foi um dos espíritas que mais contribuíram para o desenvolvimento de nossas crenças nessa localidade. Homem simples e de costumes irrepreensíveis, viu aproximar-se a morte sem temor; para ele era a libertação, o retorno do exilado à verdadeira pátria. Seu desprendimento foi rápido e a perturbação de curta duração; assim, ele pôde manifestar-se alguns dias após a sua inumação. Sua morte e o seu despertar foram os de um espírita de coração, que se esforçou constantemente para pôr em prática os preceitos da Doutrina.

O Espiritismo viu partir um outro de seus representantes na pessoa do Sr. Hippolyte Degand, morto aos cinquenta e um anos, no dia 25 de julho, em Philippeville (Argélia), após alguns dias de doença. O Sr. Hippolyte Degand também era, desde muito tempo, um adepto sincero e devotado,

compreendendo o verdadeiro objetivo da Doutrina; era, na total acepção do termo, um homem de bem, amado e estimado por todos os que o conheciam e um daqueles que o Espiritismo se orgulha por contar em suas fileiras. Embora tenha partido quase de repente para o mundo dos Espíritos, não temos dúvida de que a sua situação é satisfatória. Sem temor pelo desconhecido, cheio de confiança em Deus, sabia aonde ia, e a tranqüilidade de sua consciência lhe permitia esperar ser acolhido com simpatia pelos nossos irmãos do espaço. Estamos convictos de que sua esperança não sofrerá decepção e que, no alto, ele há de ocupar o lugar reservado aos homens de bem.

No momento de pôr no prelo, recebemos uma carta participando a morte da Sra. Vauchez, ou Anne-Octavie Van Metcher, quando solteira, falecida a 16 de agosto, com 27 anos de idade, em seu domicílio, 51, rue de la Montagne, em Bruxelas (Bélgica).

Seu marido, o Sr. Vauchez, um de nossos mais antigos adeptos, foi um dos que se consagraram com mais zelo e dedicação ao desenvolvimento de nossa filosofia. Presidente há vários anos da Sociedade Espírita de Bruxelas, sempre soube, por sua moderação e perseverança, fazer com que os nossos princípios fossem apreciados e respeitados em sua localidade.

O Sr. Vauchez, que sempre se distinguiu pela coragem de opinião, não quis se desmentir ante a prova cruel que o feriu. A nota seguinte, extraída da carta fúnebre da Sra. Vauchez, é uma prova convincente:

*Nota – Às 2 horas, no dia 18 de agosto, na câmara mortuária, evocação e preces a Deus e aos Espíritos bons para que a acolham no mundo espiritual.*

Julgamos um dever associar-nos aos nossos irmãos de Bruxelas em seu apelo aos Espíritos bons, para que assistam

espiritualmente a Sra. Vauchez. – Estamos certos de que sua profunda convicção da verdade dos nossos princípios e de sua vida de sofrimentos e de provas, suportadas com exemplar resignação, a farão merecedora de uma situação satisfatória no mundo do espaço. – Seu Espírito, há muito tempo preparado para uma outra vida, e desprendido antes mesmo da morte de seus laços materiais, há de ter tomado posse de seu novo estado com a satisfação do prisioneiro que, havendo quebrado a grade de sua prisão, respira o delicioso ar da liberdade.

## Variedades

### O ÓPIO E O HAXIXE

(2º artigo – Vide a *Revista* de agosto de 1869)

Conforme o desejo que expressamos no último número da *Revista*, vários dos nossos correspondentes se dignaram estudar a questão tão interessante concernente às diversas formas de embriaguez a que pode estar submetido o ser humano, e nos transmitiram o resultado de suas observações. Como a falta de espaço não nos permite publicar todos esses documentos, dos quais, todavia, tomamos boa nota, limitar-nos-emos a chamar a atenção dos nossos leitores sobre o *Relatório dos trabalhos da Sociedade Espírita de Bordeaux durante o ano de 1867*<sup>38</sup>, que, em suas páginas 12 e 13, contém reflexões muito judiciosas e bastante racionais sobre a embriaguez perispiritual provocada nos desencarnados pela absorção dos fluidos alcoólicos.

Reproduzimos igualmente uma instrução obtida sobre o mesmo assunto num grupo de Genebra, por nos parecer encerrar considerações de grande profundidade e interesse geral.

38 Brochura in-8; preço: 60 c., franco: 70 c. – Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

(Genebra, 4 de agosto de 1869 – Médiun: Sra. B.)

P. – *A embriaguez do homem dominado pelo abuso dos licores alcoólicos assemelha-se às desordens provocadas pela superexcitação ou pelo esgotamento do fluido locomotor que anima o sistema nervoso? – Não é também uma embriaguez especial a divagação momentânea do homem ferido subitamente em suas mais caras afeições?*

Resp. – Efetivamente, há três espécies de embriaguez no encarnado: a embriaguez material, a embriaguez fluídica ou perispiritual e a embriaguez mental.

A matéria propriamente dita encerra uma essência que dá vida às plantas, e esta essência circula em seus tecidos por meio de um sistema de fibras e de vasos de extrema delicadeza; poder-se-ia, com toda razão, chamar essa essência de *fluido vegetal*. Não obstante sua perfeita homogeneidade, ele se transforma e se modifica no corpo que ocupa e, à medida que desenvolve a planta, lhe dá uma forma material, um perfume e qualidades de natureza e potência diversas. Por isso a rosa não se parece com o lírio, nem tem o seu perfume, nem as suas propriedades; a espiga de trigo não tem a forma da videira, nem seu gosto, nem suas qualidades. Pode-se, pois, determinar em três formas bem distintas as relações das plantas com o fluido geral, que as alimenta e transforma conforme a sua natureza e o objetivo a que são chamadas a preencher na escala dos seres animados. Esta mesma lei preside ao desenvolvimento de todas as criações, daí resultando um encadeamento ininterrupto de todos os seres, desde o átomo orgânico, invisível ao olho humano, até a criatura mais perfeita. Em seu estado normal, cada ser possui a quantidade de fluido necessário para constituir o equilíbrio e a harmonia de suas faculdades. Mas o homem, pelo abuso dos licores alcoólicos, rompe o equilíbrio que deve existir entre seus diversos fluidos; daí a desorganização de suas faculdades, a divagação das idéias e a desordem momentânea da inteligência; *é como numa tempestade, em que*

*os ventos se cruzam e se elevam turbilhões de poeira, rompendo por um instante a calma da Natureza.*

A embriaguez fluídica ou perispiritual é a conseqüência da infusão na economia dos perfumes das plantas e da absorção da parte semimaterial, eteriforme, dos elementos terrestres. Os narcóticos e os anestésicos estão neste número; por vezes provocam insônia, mas em geral provocam visões, sons profundos nem sempre com despertar. *Poder-se-ia dizer que o perfume é o perispírito da planta e que ele corresponde ao perispírito do homem.* O uso excessivo de perfumes dá mais expansão ao laço fluídico, tornando-o mais apto a sofrer as influências ocultas, mas o desprendimento provocado pelo abuso é incompleto, irregular e traz perturbação na harmonia dos três princípios constitutivos do ser humano. Assim, poder-se-ia comparar o Espírito a um prisioneiro que se evade e corre ao acaso, aproveitando mal o momento de liberdade, que teme incessantemente perder. As visões conseqüentes à embriaguez fluídica não são completas nem contínuas, porque já existe equilíbrio nos fluidos reguladores e conservadores da vida.

A embriaguez mental é provocada por abalos morais violentos e inesperados; a alegria e a dor podem ser os seus promotores. É possível estabelecer uma analogia longínqua entre essa embriaguez e o que se passa na planta que, além da sua individualidade e de seu perfume, possui propriedades, que conserva e que pode utilizar, quando não pertence mais à Terra. Pode curar ou matar. A violeta, por exemplo, acalma as dores, enquanto a cicuta provoca a morte. As plantas venenosas são alimentadas pela parte impura do fluido vegetal. Todo fluido viciado, seja qual for a secção anímica a que pertença, provoca desordens, quer no corpo, quer no Espírito. Uma impressão muito viva de alegria ou de dor pode dar origem à embriaguez mental, e um abalo semelhante pode restabelecer o equilíbrio momentaneamente rompido, assim como a ingestão na economia

de um elemento nocivo pode, em certas circunstâncias, ser um contraveneno para um elemento da mesma natureza.

Mas, admitindo a existência dessas três formas de embriaguez – material, fluídica e mental – devemos acrescentar que as três formas jamais se apresentam isoladamente à vista do observador. Um estudo superficial permite, conforme os efeitos produzidos, reconhecer a natureza da causa determinante, mas, em todos os casos, as desordens atingem, ao mesmo tempo e mais ou menos gravemente, o Espírito, o perispírito e o corpo. Talvez se pudesse dizer, com alguma razão, que a loucura moral é *uma embriaguez mental crônica*.

Em outra parte, voltaremos a esta questão interessante para o médico e para o psicólogo, este médico da alma.

*Um Espírito*

#### A LIGA DO ENSINO

#### CONSTITUIÇÃO OFICIAL DO GRUPO PARISIENSE

(2º artigo – Vide a *Revista* de julho de 1869)

Num dos últimos números da *Revista* julgamos por bem anunciar aos nossos leitores a constituição imediata e definitiva do *Grupo Parisiense da Liga do Ensino*. Hoje nos sentimos felizes por dar a conhecer o programa desses homens devotados, que querem consagrar-se ao desenvolvimento da instrução, sobretudo entre as populações rurais. Aplaudimos sua generosa tentativa e fazemos votos por que seja coroada de pronto e integral sucesso.

Não poderíamos testemunhar melhor a nossa simpatia aos trabalhos da *Liga*, do que reproduzindo os seguintes extratos das últimas circulares publicadas pelo *Círculo Parisiense*. Deixaremos que os nossos leitores apreciem o espírito metódico e prático que presidiu à redação desse programa.

“Foi criada uma Sociedade em Paris, sob o título de *Círculo Parisiense da Liga do Ensino*, com o objetivo de propagar a instrução. É principalmente às populações rurais que ela se dirige. Provoca e estimula a iniciativa individual para a fundação de escolas, cursos gratuitos, conferências públicas e bibliotecas populares; não se ocupa senão de disseminar as noções mais elementares e mais gerais, não se permitindo entrar em discussões políticas ou religiosas. Espera-se que a Liga, que já conta na França importantes e múltiplos Círculos, veja crescer diariamente o número de seus adeptos, e que se possa encontrar, na própria Paris, um centro de ensino.

“Respeitando a vontade livremente expressa de um grupo fundador qualquer, o *Círculo Parisiense* oferece seu concurso desinteressado; ele aspira a pôr em comunicação os pontos extremos do país; responde a questões, auxilia as individualidades e se abstém de toda pressão.

“O *Círculo Parisiense* coloca-se gratuitamente à disposição dos que decidirem organizar uma escola, um material científico, e os guia na escolha dos melhores instrumentos, sejam cartas, globos, aparelhos de física, etc. Aos que quiserem dotar sua comuna de uma biblioteca, o *Círculo Parisiense* pode oferecer os catálogos dos editores franceses e estrangeiros, e dar seus conselhos, caso se os reclame, para a formação de catálogos especiais destinados ao uso dos leitores, quer pertençam a uma população industrial, quer a uma população agrícola. A isto juntará seus donativos em dinheiro, tanto quanto o permitirem os seus recursos.

“O *Círculo* publicará um boletim, assim que estiver em condições de fazê-lo, para dar conta dos resultados obtidos.

“Obra de propaganda e de fraternidade, o *Círculo* busca a luz visando ao interesse geral. Solicita, pois, a expressão das

necessidades intelectuais coletivas; esforçar-se-á por provê-lo na medida de seus recursos...

“O *Círculo Parisiense da Liga do Ensino*, fundado em 1866, acaba de constituir-se definitivamente. Conta hoje 450 aderentes que subscreveram uma soma anual de 2.300 francos.”<sup>39</sup>

## Dissertações Espíritas

UNIDADE DE LINGUAGEM

(Paris, 23 de março de 1869)

A unidade de linguagem é impossível no mesmo grau que a unidade de governo, pelo menos até uma época recuada. Deixemos, pois, aos filhos de nossos netos o cuidado de pensar nas transformações lingüísticas que necessitarão suas épocas. O que importa hoje é aumentar os meios de relação, suprimir os entraves que separam as nacionalidades, considerar os homens como seres que falam a Deus numa linguagem diferente, que aprenderam a respeitar e a venerar sob formas diversas, mas que são todas suas criaturas no mesmo grau.

Dispensai largamente a instrução, fazei a filosofia simples e lúcida, desembaraçai-a de todas as mixórdias das camarilhas escolásticas; que vossas discussões tenham por objetivo os princípios, e não as formas de linguagem, a fim de chegardes, se não à verdade absoluta, pelo menos a vos aproximardes dela cada dia mais.

Estudai as línguas estrangeiras, mas conhecei bem, antes de tudo, a do vosso país; servi-vos delas para estudar a História, para apreciar os progressos do espírito humano e para vos

<sup>39</sup> As subscrições, que não podem ser inferiores a um franco, são recebidas na sede da *Liga*, em casa do Sr. E. Vauchez, 53, rue Vivienne.

criar um método de experimentação quanto à maneira por que são realizados. Não é a variedade, nem a multidão dos conhecimentos que fazem o homem verdadeiramente instruído; o importante não é saber muito, mas saber com segurança e com lógica.

As faltas das gerações passadas deveriam ser, para a geração contemporânea, espécies de arrecifes, indicados como objeto de estudo para os experimentadores, a fim de que neles evitem chocar-se... Os exploradores dos mares desconhecidos se expõem a sérios riscos, porque ignoram a causa e a natureza dos perigos que terão de enfrentar; se não descobrirem todos os arrecifes, ao menos os assinalam em maior número aos que devem percorrer as mesmas rotas depois deles, e cada um mantém-se em segurança. No oceano infinito que devemos percorrer para alcançar a perfeição, pareceria, ao contrário, que os escolhos atraem, que as correntes pérfidas são dotadas de um poder atrativo, de uma influência magnética irresistível. Cada um quer encalhar por si mesmo, não se importando com os que pereceram ao descobrir o abismo!

Quando, pois, sereis prudentes, ó homens!... Quando abandonareis vossas loucas e temerárias excursões sem método e sem freio?... Quando fareis da razão e da lógica vossos guias mais seguros?

Mas, se quiserdes aplanar a estrada e obter esse resultado, esquecei vossas dissensões intestinas; que o interesse particular desapareça diante do interesse geral, e que vossa divisa comum seja: *Cada um por todos e todos por cada um.*

Quereis a paz? Dai a *instrução!*...

Quereis o progresso do comércio, das artes, da indústria? Propagai a *instrução!*...

A instrução em toda parte e sempre!... é por ela e só por ela que desaparecerão as sombras; é ela que fará da inteligência uma

força e da matéria um objeto; de Deus o poder criador e remunerador; do homem uma inteligência regenerada e progressista; de todos, enfim, os membros cooperadores de uma única e mesma família: a Humanidade.

*Channing*

## A VISÃO DE DEUS

(Genebra, 11 de janeiro de 1869)

Perguntas como é possível à criatura, finita e limitada, ver o Criador, desde que Ele é infinito e não tem forma visível.

Irmão, a visão de Deus não consiste em ver com o órgão visual, tal qual agora podes imaginar ou compreender; por isto se deve entender a visão do espírito ou inteligência. É uma visão sem imagem; é uma percepção, um conhecimento, uma expansão de amor irresistível; é a visão real das manifestações magníficas e inenarráveis da Divindade, a certeza infável da presença e do amor infinito de Deus, em vez da visão de uma forma determinada que, por conseguinte, seria finita e não poderia ser Deus.

Aliás, toda coisa visível logo se torna conhecida e analisada em profundidade, porque é limitada e, conseqüentemente, não pode ser uma fonte de bondade eterna e infinita. Nesta maneira de representar a visão de Deus, cai-se forçosamente nas idéias pouco inteligentes e retardatárias, bem como na imobilidade dos bem-aventurados extáticos para sempre no paraíso. Ora, os que, depois de haverem esgotado as provas das vidas transitórias, chegaram ao topo da escala espírita, não cessam de ser ativos, porquanto, à medida que o Espírito se purifica e se aproxima de Deus, participa cada vez mais das perfeições divinas; e, como Deus é o centro e o foco da eterna atividade da vida, resulta que os Espíritos puros agem incessantemente, a fim de contribuírem com toda a sua liberdade e toda a sua força para a

realização das vontades do Eterno. Sentem que o foco da caridade infinita os envolve, que a luz que jorra da face de Deus os ilumina e que a onisciência do Senhor lhes abre seus tesouros, e que o Todo-Poderoso os torna livres e fortes para dominarem os elementos, dirigirem as forças vitais, influírem sobre as inteligências dos Espíritos elevados, embora não chegados ao topo, e contribuirão eternamente para a manutenção da harmonia da Criação.

As palavras do apóstolo Paulo: “*Videbimus Deum facie ad faciem*” e “*videbimus Deum sicuti est*” não devem ser tomadas ao pé da letra, porque a criatura jamais poderá limitar Deus à sua medida, nem se tornar infinita, o que ressalta literalmente do texto de Paulo. Em vez disso, entendamos que os Espíritos puros terão noções de Deus sempre mais perfeitas à medida que crescerem em perfeição; que nunca mais o erro turvará o seu entendimento; que as delícias e o amor deste bem e desta beleza harmônica sem limite lhes serão desvendadas sempre mais, séculos após séculos, mas sem jamais conseguirem impor à Divindade nem limites, nem formas, nem imagens mais ou menos análogas às que são criadas pela imaginação do homem terreno.

Adeus; trabalha com coragem, porque, pelo trabalho e pelo exercício das faculdades que Deus te deu, não fazes no presente, com dificuldade, senão o que farás de outro modo, e com delícias sem-fim, por toda a eternidade, quando todas essas mesmas faculdades tiverem recebido o desenvolvimento necessário.

## Bibliografia

**Educação materna** – *Conselhos às mães de família*, por madame E.-C., de Bordeaux. – Brochura in-8º, 50 centavos, franco 60 c., Bordeaux; Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille (*Revista Espírita* de julho de 1864.)

Apressamo-nos em anunciar aos nossos leitores que acabamos de encontrar um certo número de exemplares desta obra, tão recomendável pela forma, quanto pelo fundo, e que julgávamos esgotada. Os assinantes que desejarem adquiri-la poderão comprá-la dirigindo seu pedido à administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille.

*Obras recomendadas* – **A vida de Germaine Cousin**, de Pibrac, bem-aventurada na caridade; ditado mediunicamente por ela mesma à senhorita M. S..., num grupo familiar. Brochura in-12; preço, 1 fr.; *franco*, 1 fr. 10. (*Revista Espírita* de julho de 1865.)

**Escrínio literário**, pela Sra. viscondessa de Vivens; 1 vol. in-12; preço, 3 fr.; *franco*, 3 fr. 40; Toulouse, 1869; Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

Coletânea de pensamentos espiritualistas e espíritas de diversos autores, antigos e modernos, entre os quais figuram extratos de diferentes obras dos Srs. Allan Kardec, Flammarion, Pezzani, etc.

**Estudos sobre o materialismo e o Espiritismo**, por A. Cahagnet. Brochura in-18. Preço, 1 fr. 25; *franco*, 1 fr. 40. Paris.

A falta de espaço nos obriga a adiar para um próximo número a apreciação desta interessante obra, que trata da existência no além-túmulo de um ponto de vista especial e que será objeto de nosso exame.

## Demissão do Sr. Malet,

Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Anunciamos aos espíritas da província e do estrangeiro que o Sr. Malet, que houve por bem encarregar-se provisoriamente da presidência da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* quando da

morte do Sr. Allan Kardec, viu-se obrigado, por força de suas numerosas ocupações pessoais, a demitir-se de suas funções no dia 28 de julho de 1869.

Os membros da administração, reunidos em comissão no dia 30 do mesmo mês, depois de apreciarem os motivos expostos em sua carta, aceitaram a demissão.

## Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal:

À

*Sociedade Anônima do Espiritismo*

7, rue de Lille

Paris

*Observação* – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade, deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Administração

*A. Desliens* – *Secretário-Gerente*

